

**Apego inseguro e permanência de mulheres em relações abusivas: Uma
revisão integrativa da literatura**

Yasmin Ruanda Martins de Moraes

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Departamento de Psicologia

Orientador: Prof. Me. Leonel Cardoso dos Santos

Goiânia, 2026.

Apego inseguro e permanência de mulheres em relações abusivas: Uma revisão integrativa da literatura

Yasmin Ruanda Martins de Moraes

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Banca Examinadora:

Leonel Cardoso dos Santos (PUC-GO)

Presidente da Banca: Professor Orientador

Rosana Carneiro Tavares (PUC-GO)

Professora Convidada

Camila Alves Martins (PUC-GO)

Professora Convidada

Data da Avaliação: ____/____/____

Nota final: _____

Resumo

Este estudo teve como objetivo compreender a relação dos estilos de apego inseguros na permanência de mulheres em relações abusivas por parceiro íntimo, considerando as dimensões emocionais, relacionais, sociais e de gênero envolvidas nesse fenômeno. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, por meio da qual foram analisadas produções científicas organizadas em quatro eixos temáticos: apego inseguro e vulnerabilidade, manutenção e permanência em relações abusivas, dinâmica da violência por parceiro íntimo e repercussões das experiências primárias nos vínculos afetivos. Os achados indicam que o apego ansioso pode intensificar o medo de abandono, a necessidade de validação afetiva e a esperança de reparação do vínculo, dificultando o rompimento da relação abusiva. O apego evitativo, por sua vez, pode favorecer a minimização do sofrimento, o silenciamento da dor e a dificuldade de reconhecer a necessidade de apoio. Observou-se que a permanência em relações abusivas não deve ser compreendida como escolha simples ou fragilidade individual, uma vez que envolve a articulação entre violência psicológica, idealização amorosa, isolamento social, desigualdades de gênero e fragilidade das redes de proteção. Conclui-se que os estilos de apego inseguros podem atuar como fatores de vulnerabilidade emocional e relacional, desde que analisados de forma ética e não culpabilizante, sem desconsiderar as condições concretas que dificultam o rompimento seguro do vínculo abusivo.

Palavras-chave: apego inseguro; estilos de apego; violência por parceiro íntimo; relações abusivas; mulheres; revisão integrativa.

Abstract

This study aimed to understand the influence of insecure attachment styles on women's permanence in abusive intimate partner relationships, considering the emotional, relational, social, and gender dimensions involved in this phenomenon. This is an integrative literature review, through which scientific productions were analyzed and organized into four thematic axes: insecure attachment and vulnerability, maintenance and permanence in abusive relationships, dynamics of intimate partner violence, and the influence of previous experiences. The findings indicate that anxious attachment may intensify the fear of abandonment, the need for emotional validation, and the hope of repairing the bond, making it more difficult to break away from the abusive relationship. Avoidant attachment, in turn, may favor the minimization of suffering, the silencing of pain, and the difficulty in recognizing the need for support. It was observed that permanence in abusive relationships should not be understood as a simple choice or individual fragility, since it involves the articulation of psychological violence, romantic idealization, social isolation, gender inequalities, and the fragility of protection networks. It is concluded that insecure attachment styles may act as factors of emotional and relational vulnerability, provided that they are analyzed in an ethical and non-blaming manner, without disregarding the concrete conditions that make it difficult to safely break the abusive bond.

Keywords: insecure attachment; attachment styles; intimate partner violence; abusive relationships; women; integrative review.

Sumário

1. Introdução.....	1
2. Metodologia.....	7
3. Resultados.....	9
4. Discussão.....	21
5. Conclusão.....	24
6. Referências Bibliográficas.....	26

1. Introdução

A violência contra a mulher constitui uma problemática social, histórica e estrutural, atravessada por desigualdades de gênero, relações de poder e formas de dominação historicamente naturalizadas. Esse fenômeno não se restringe ao âmbito privado ou aos conflitos interpessoais, pois está relacionado a construções sociais que sustentam a subordinação feminina e naturalizam práticas de controle, coerção e violência sobre o corpo, a autonomia e a vida das mulheres (Saffioti, 2015; Scott, 1995). Nesse sentido, a violência por parceiro íntimo deve ser compreendida como uma expressão das desigualdades de gênero, envolvendo dimensões físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais e morais, que podem comprometer a saúde, a segurança e a integridade das mulheres.

A relevância dessa discussão evidencia-se tanto no cenário nacional quanto no contexto local. No Brasil, entre 2013 e 2023, 47.463 mulheres foram assassinadas; somente em 2023, foram registradas 3.903 vítimas, o que corresponde a uma taxa de 3,5 óbitos por 100 mil mulheres (Ipea & FBSP, 2025). Em Goiânia, o Boletim Epidemiológico da Secretaria Municipal de Saúde identificou 34.112 casos suspeitos de violência notificados no SINAN entre 2014 e 2023, dos quais 21.948 eram de residentes do município. Desse total, 14.688 notificações referiam-se a meninas e mulheres, sendo 2023 o ano com maior número de registros no período, com 3.098 notificações. O boletim também apontou que, entre as violências interpessoais notificadas contra vítimas do sexo feminino, a violência física foi a mais frequente, seguida da violência sexual, e que, entre mulheres adultas, o parceiro apareceu como o principal provável autor da violência. Esses dados demonstram a gravidade e a persistência da violência contra mulheres, evidenciando a necessidade de compreender não apenas sua ocorrência, mas também os fatores que contribuem para a permanência de mulheres em relações abusivas.

Nesse contexto, este estudo direciona o olhar para a permanência de mulheres em relações abusivas por parceiro íntimo, compreendendo-a como um fenômeno complexo, atravessado por fatores emocionais, relacionais, sociais e institucionais. Assim, torna-se necessário analisar não apenas a presença da violência, mas também os elementos subjetivos e concretos que dificultam o reconhecimento do abuso, a busca por apoio e o rompimento seguro da relação.

1.1 Dimensão social, histórica e de gênero da violência contra a mulher

A análise da violência contra a mulher exige considerar sua dimensão social, histórica e de gênero. Sob essa perspectiva, os estudos de gênero contribuem para compreender que as

diferenças entre homens e mulheres não são apenas biológicas, mas também socialmente construídas e organizadas em relações hierárquicas. Scott (1995) compreende o gênero como uma forma primária de significar as relações de poder, indicando que, por meio dele, são definidos lugares, expectativas e papéis atribuídos socialmente a homens e mulheres.

Nessa mesma direção, Saffioti (2015) aponta que a violência de gênero está relacionada à lógica patriarcal, que sustenta relações de dominação masculina e subordinação feminina. Essa estrutura contribui para que determinadas práticas de controle sobre o corpo, a sexualidade, a autonomia e as decisões das mulheres sejam naturalizadas nas relações afetivas. Desse modo, comportamentos como ciúme excessivo, vigilância, isolamento, ameaças e controle financeiro podem ser confundidos com cuidado, proteção ou amor, dificultando o reconhecimento da violência, principalmente quando ela ocorre no interior de uma relação íntima.

A partir dessa compreensão, a permanência de mulheres em relações abusivas não deve ser interpretada como escolha individual simples, ausência de consciência ou fragilidade emocional. Trata-se de um processo atravessado por fatores sociais, afetivos, econômicos, familiares e institucionais. O medo de retaliação, a dependência econômica, a presença de filhos, a ausência de rede de apoio, a vergonha, o isolamento social e o risco de agravamento da violência após a tentativa de rompimento são elementos que podem dificultar a saída da relação. Assim, compreender a permanência exige analisar não apenas o vínculo afetivo, mas também as condições concretas que limitam a possibilidade de rompimento seguro.

Nesse sentido, Minayo (2006) contribui ao compreender a violência como um fenômeno complexo, marcado por determinações históricas, culturais, econômicas, políticas e institucionais. Essa perspectiva permite ampliar a análise da violência por parceiro íntimo, evitando reduzi-la a conflitos conjugais ou a características individuais da vítima. No caso das relações abusivas, a violência pode se manifestar de forma física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, sendo que a violência psicológica ocupa papel importante na manutenção do vínculo, pois muitas vezes se apresenta de maneira gradual, silenciosa e naturalizada.

Diante disso, a dimensão social, histórica e de gênero da violência contra a mulher é essencial para sustentar a análise deste trabalho. Ela permite compreender que a permanência em relações abusivas não ocorre apenas por fatores afetivos, mas também por condições concretas de desigualdade, medo, dependência, isolamento e fragilidade das redes de proteção. Dessa forma, este estudo parte da compreensão de que a violência por parceiro íntimo exige uma leitura integrada, capaz de considerar tanto os processos subjetivos envolvidos no vínculo

quanto as estruturas sociais que sustentam a desigualdade de gênero e dificultam o rompimento seguro da relação abusiva.

1.2 Teoria do Apego e vulnerabilidade nos vínculos afetivos

A Teoria do Apego, desenvolvida inicialmente por John Bowlby, constitui um referencial importante para compreender a formação dos vínculos afetivos e sua influência ao longo do desenvolvimento humano. Essa teoria parte da compreensão de que os primeiros vínculos estabelecidos com as figuras cuidadoras exercem papel central na organização emocional do sujeito, especialmente na maneira como ele busca proteção, segurança, proximidade e apoio diante de situações de medo, ameaça ou sofrimento. Para Bowlby (2002, 2004), o apego não se restringe à infância, mas corresponde a uma necessidade humana básica de estabelecer laços afetivos significativos, que podem acompanhar o indivíduo ao longo de todo o ciclo vital.

Nesse sentido, as experiências iniciais de cuidado contribuem para a formação dos chamados modelos internos de funcionamento. Esses modelos podem ser compreendidos como esquemas psicológicos construídos a partir das relações primárias, que orientam a forma como o sujeito percebe a si mesmo, o outro e a disponibilidade das figuras significativas. Quando a criança vivencia relações marcadas por cuidado, proteção, responsividade e previsibilidade, tende a desenvolver maior segurança em relação a si e ao outro. Por outro lado, experiências marcadas por rejeição, inconsistência, negligência ou indisponibilidade emocional podem favorecer formas inseguras de vinculação, nas quais a busca por afeto e proteção passa a ser atravessada por medo, insegurança, ambivalência ou distanciamento emocional (Bowlby, 2002, 2004).

A partir das formulações de Bowlby, os estilos de apego podem ser compreendidos como padrões de vinculação que influenciam a maneira como o sujeito lida com a intimidade, a separação, o medo da perda e a necessidade de apoio afetivo. Bowlby (2002, 2004) já indicava que a qualidade das primeiras experiências com figuras cuidadoras poderia favorecer maior segurança ou insegurança nas relações posteriores, especialmente por meio dos modelos internos de funcionamento. Assim, diante de situações percebidas como ameaça, abandono ou rejeição, o sistema de apego pode ser ativado, levando o sujeito a buscar proximidade, proteção e confirmação afetiva ou, em alguns casos, a se afastar emocionalmente como forma de defesa. Essa compreensão é importante para analisar relações amorosas adultas, pois mostra que o

modo como o sujeito busca segurança no vínculo pode influenciar sua forma de reagir ao sofrimento, ao conflito e à possibilidade de ruptura.

Nas relações adultas, especialmente nos relacionamentos amorosos, esses padrões de apego podem se expressar na forma como o sujeito busca proximidade, interpreta sinais de rejeição, confia no parceiro, comunica necessidades emocionais e regula suas emoções diante de conflitos. Nessa perspectiva, o parceiro amoroso pode ocupar uma função semelhante à de figura de apego, sendo percebido como fonte de segurança, apoio e reconhecimento afetivo. No entanto, quando há insegurança vincular, a relação amorosa pode ser vivida de maneira marcada por medo de abandono, necessidade excessiva de validação, dificuldade de confiar, distanciamento emocional ou dificuldade de expressar sofrimento (Natividade & Shiramizu, 2015).

No campo do apego adulto, Natividade e Shiramizu (2015), partindo das ideias de Bowlby (2002, 2004), destacam duas dimensões centrais para compreender os estilos de apego inseguros: a ansiedade e a evitação. A ansiedade está relacionada à preocupação intensa com a continuidade do relacionamento, ao medo de rejeição e à necessidade constante de proximidade e confirmação afetiva. Já a evitação refere-se ao desconforto com a intimidade, à dificuldade de depender emocionalmente do outro e à tendência ao distanciamento afetivo. Essas dimensões são importantes para este estudo porque permitem compreender que a insegurança vincular não se manifesta de uma única forma. Ela pode aparecer tanto pela busca intensa de proximidade quanto pela tentativa de negar, minimizar ou evitar necessidades emocionais.

No apego ansioso, observa-se maior tendência ao medo intenso de abandono, à hipervigilância diante de sinais de afastamento do parceiro e à necessidade constante de validação afetiva. Em relações amorosas, esse funcionamento pode favorecer maior sensibilidade à rejeição, dificuldade de tolerar separações e tendência a investir intensamente na manutenção do vínculo. Quando esse padrão se articula a uma relação abusiva, a mulher pode apresentar maior dificuldade de rompimento, pois a perda do parceiro pode ser vivida como ameaça à sua segurança emocional. Assim, a esperança de mudança, a necessidade de confirmação afetiva e o medo de abandono podem contribuir para a permanência no vínculo, mesmo quando a relação é marcada por sofrimento, controle ou violência psicológica (Natividade & Shiramizu, 2015; Murta et al., 2019).

Já no apego evitativo, a insegurança vincular se manifesta de outro modo. Nesse padrão, o sujeito tende a se proteger por meio do afastamento emocional, da minimização da dor e da dificuldade em reconhecer ou comunicar sofrimento. Embora esse funcionamento possa

aparentar independência, ele pode dificultar a busca por apoio e a nomeação das próprias necessidades afetivas. Em contextos de violência por parceiro íntimo, esse padrão pode contribuir para que a mulher silencie a dor, minimize a gravidade da violência ou tente lidar sozinha com a situação. Assim, enquanto o apego ansioso pode favorecer a permanência pelo medo de perder o vínculo, o apego evitativo pode dificultar a ruptura pela negação da própria vulnerabilidade e pela dificuldade de buscar ajuda (Consoli, Bernardes, & Marin, 2018; Natividade & Shiramizu, 2015).

A partir dessa compreensão, os estilos de apego inseguros podem ser analisados como possíveis fatores de vulnerabilidade à permanência de mulheres em relações abusivas por parceiro íntimo. Essa vulnerabilidade não deve ser entendida como causa da violência, mas como um elemento que pode interferir na forma como a mulher percebe o vínculo, interpreta o sofrimento, reconhece o abuso e mobiliza recursos para buscar apoio. No entanto, é fundamental destacar que o apego inseguro não explica isoladamente a violência, nem deve ser compreendido como causa da permanência ou como justificativa para culpabilizar a mulher.

A violência por parceiro íntimo é um fenômeno atravessado por fatores sociais, históricos, econômicos, institucionais e de gênero. Por isso, a Teoria do Apego contribui para compreender a dimensão subjetiva e afetiva da permanência, mas precisa ser articulada às desigualdades de gênero, às relações de poder, ao medo, à dependência material, ao isolamento social e à fragilidade das redes de proteção (Becker, Tridapalli, & Bolze, 2021; Saffioti, 2015; Scott, 1995).

Quando utilizada de forma isolada, a leitura do apego pode psicologizar a violência e deslocar o foco da estrutura social para o funcionamento emocional da mulher. Esse cuidado é necessário porque a permanência em relações abusivas não pode ser compreendida como fragilidade individual ou escolha simples. Trata-se de um processo complexo, no qual aspectos afetivos e relacionais se articulam a condições concretas de vida e a estruturas sociais que naturalizam o controle e a submissão feminina. Dessa forma, os estilos de apego inseguros devem ser compreendidos como fatores de vulnerabilidade, e não como determinantes da violência ou da permanência.

Assim, a Teoria do Apego contribui para o presente estudo ao possibilitar uma compreensão mais cuidadosa dos aspectos emocionais envolvidos na manutenção de vínculos abusivos. Ela permite analisar como medo de abandono, necessidade de validação, dificuldade de confiar, minimização do sofrimento e obstáculos para buscar apoio podem se articular à permanência em relações violentas. Contudo, essa compreensão só se torna adequada quando

situada no contexto mais amplo da violência de gênero, das relações de poder e das barreiras sociais e institucionais que dificultam o rompimento seguro da relação.

Diante desse panorama, a questão de pesquisa que orienta este estudo é: qual a relação entre os estilos de apego inseguro e a permanência de mulheres em relações abusivas no contexto da violência por parceiro íntimo? Para responder a esse problema, utilizou-se a estratégia PICO, delimitando como População as mulheres; como Interesse os estilos de apego inseguros; e como Contexto as relações abusivas no âmbito da violência por parceiro íntimo (Santos, Pimenta, & Nobre, 2007).

Assim, este estudo tem como objetivo geral elucidar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, a influência dos estilos de apego inseguros na permanência de mulheres em relações abusivas no contexto da violência por parceiro íntimo. Como objetivos específicos busca-se identificar e caracterizar os principais estilos de apego inseguros descritos na literatura científica (apego ansioso e evitativo) associados a mulheres em situação de violência por parceiro íntimo; descrever como os padrões de apego influenciam a dinâmica de manutenção de vínculos abusivos; investigar fatores psicológicos associados à permanência na relação abusiva, como dependência emocional, medo de abandono e baixa autoestima; e evidenciar como esses padrões relacionais podem contribuir para a escalada da violência e para o risco de feminicídio.

A justificativa deste trabalho fundamenta-se na relevância social, científica e profissional da temática. Embora a violência por parceiro íntimo e o apego adulto sejam temas investigados na literatura, ainda há necessidade de estudos que articulem os estilos de apego inseguros à permanência de mulheres em relações abusivas. Nesse sentido, a revisão integrativa permite reunir e analisar criticamente as produções existentes, contribuindo para uma compreensão menos simplista e culpabilizante desse fenômeno. Para a Psicologia, o estudo pode oferecer subsídios teóricos para práticas de acolhimento, prevenção e intervenção com mulheres em situação de violência, considerando também a importância de prevenir a escalada da violência e seus possíveis desfechos extremos.

2. Metodologia

O estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura. Essa modalidade foi escolhida por permitir a inclusão de diferentes fontes científicas consideradas relevantes para a pesquisa, além de possibilitar uma visão ampla e sistemática sobre o objeto de estudo. A revisão integrativa tem como finalidade reunir, analisar e sintetizar resultados de estudos já publicados sobre determinada temática, contribuindo para a compreensão do fenômeno investigado e para a identificação de lacunas na produção científica (Souza et al., 2010).

A busca pelos artigos foi realizada entre junho de 2025 e maio de 2026 nas bases de dados Periódicos CAPES, PePSIC e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foram utilizados descritores relacionados ao tema da pesquisa, combinados por meio de operadores booleanos com as seguintes combinações: Apego AND Relacionamento; Apego AND Feminicídio; Teoria do apego AND Relacionamento; Apego AND Mulheres; Apego AND Casal.

Os critérios de inclusão contemplaram: artigos científicos publicados em periódicos indexados, revisados por pares, disponíveis na íntegra, em língua portuguesa e publicados no período entre 2015 e 2026. Foram excluídos estudos duplicados, artigos que não abordavam diretamente a temática da pesquisa, publicações indisponíveis na íntegra e estudos classificados como revisões integrativas ou sistemáticas.

No levantamento inicial, foram identificados 71 registros nas bases consultadas, considerando todas as combinações de descritores utilizadas. No Periódicos CAPES, foram localizados 42 artigos, dos quais 5 permaneceram após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Na PePSIC, foram encontrados 16 registros, sendo 3 encaminhados para leitura integral. Na SciELO, foram localizados 13 artigos, dos quais 3 seguiram para avaliação integral. Assim, 11 artigos foram submetidos à leitura na íntegra. Após a exclusão de estudos duplicados e de produções com baixa aderência ao objetivo da pesquisa, o corpus final foi composto por 8 artigos científicos.

O processo de seleção dos estudos ocorreu em três etapas. Inicialmente, foi realizada a leitura dos títulos dos artigos identificados, sendo excluídos aqueles que não apresentavam relação com o tema investigado. Em seguida, procedeu-se à leitura dos resumos dos estudos pré-selecionados, com aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos.

Por fim, realizou-se a leitura na íntegra dos artigos selecionados, a fim de confirmar sua relevância e adequação teórica ao objetivo do estudo.

Após a definição do corpus, os artigos selecionados foram organizados em uma tabela de fichamento, contemplando informações como autoria, ano, região, periódico, tipo de pesquisa, bases teóricas e principais achados. A análise dos dados foi realizada por meio de análise temática, a partir da leitura integral dos estudos, identificação dos núcleos de sentido e agrupamento dos conteúdos recorrentes. Esse processo possibilitou a construção de quatro eixos de análise: apego inseguro e vulnerabilidade; manutenção e permanência em relações abusivas; dinâmica da violência por parceiro íntimo; e repercussões das experiências primárias nos vínculos adultos

3. Resultados

3.1 Tabela I

Característica da produção sobre o tema

<u>Fichamento dos artigos selecionados para análise</u>											
TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	GÊNERO	ANO	REGIÃO	FILIAÇÃO INSTITUCIONAL	REVISTA	QUALIS DA REVISTA	TIPO DE PESQUISA	ARTICULAÇÃO DO TEMA	BASES TEÓRICAS	SÍNTESE
Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia	Cerqueira, I. C., & Rocha, F. N.	Feminino; feminino	2018	Sudeste – Rio de Janeiro	Universidade de Vassouras	Revista Mosaico	A2	Estudo teórico	Articula a construção histórica do amor com processos psíquicos e vinculares	Teoria do Apego (Bowlby); Teoria Triangular do Amor (Stenberg); Concepções históricas do amor (Platão); Modernidade Líquida (Bauman)	O estudo aborda as concepções de amor ao longo da história e analisa, com base em teorias psicológicas, os motivos que levam os indivíduos a se engajarem em relacionamentos amorosos, destacando a influência das concepções de si mesmo na construção da conjugalidade.
Conflitos conjugais: possíveis origens	Hintz, H. C.	Feminino	2021	Sul	Presidente da Associação Gaúcha de Terapia Familiar – AGATEF – 2006/2008, 2016/2018, 2018/2022.	Revista Pensando Famílias	A4	Estudo teórico	Analisa o conflito como elemento estruturante da conjugalidade	Teoria do Apego (Bowlby); Apego adulto (Hazan & Shaver);	O artigo reflete sobre os fatores que podem ocasionar conflitos conjugais, destacando mudanças ao longo da vida, papéis sociais e a influência das relações familiares anteriores na dinâmica do casal.
Entendendo os relacionamentos íntimos com comportamento abusivo por meio da teoria do apego	de Souza Tosta, A., & Cassepp-Borges, V.	Feminino; Masculino	2021	Sudeste – Rio de Janeiro	Universidade Federal Fluminense	Revista Interamericana de Psicologia	A2	Estudo empírico	Relaciona estilos de apego com violência	Teoria do Apego (Bowlby); Apego adulto (Hazan & Shaver);	O estudo investigou a associação entre estilos de apego e comportamentos abusivos em relações íntimas, indicando que padrões de apego estão relacionados à ocorrência de violência nas relações.

Intimidade e apego no namoro: implicações de estudos de caso para prevenção à violência	Murta, S. G., Pires, M. R. P., Tavares, A. S., Cordeiro, M. A., Teixeira, E. G., & Adorno, N.	Feminino; Feminino; Feminino; Feminino; Feminino; Feminino.	2019	Distrito Federal - Brasília	Universidade de Brasília	Revista Contextos Clínicos	A4	Estudo empírico	Relaciona apego com intimidade e violência	Teoria do Apego (Bowlby); Apego adulto (Hazan & Shaver);	O estudo analisou experiências de intimidade em relações de namoro, mostrando que níveis elevados de intimidade estão associados à troca de apoio e sensibilidade ao parceiro, enquanto níveis baixos estão relacionados a estratégias negativas de resolução de conflitos.
Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal	Consoli, N., Bernardes, J. W., & Marin, A. H.	Feminino; Feminino; Feminino.	2018	Sul - São Leopoldo	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Revista Avances en Psicología Latinoamericana	A1	Estudo empírico	Relaciona apego primário e conjugal	Teoria do Apego (Bowlby); Estilos de apego (Ainsworth)	O estudo investigou a relação entre apego primário e ajustamento conjugal, indicando que padrões seguros estão associados a relações mais ajustadas, enquanto padrões inseguros se relacionam a maior sofrimento e desajuste.
O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal	Scheeren, P., Delatorre, M. Z., Neumann, A. P., & Wagner, A.	Feminino; Feminino; Feminino; Feminino.	2015	Sul - Porto Alegre	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Estudos e Pesquisa em Psicologia (Rio de Janeiro)	A2	Estudo empírico	Relaciona apego e conflito	Teoria do Apego (Bowlby); Estilos de apego (Ainsworth); Apego adulto (Hazan & Shaver)	O estudo avaliou o papel preditor dos estilos de apego na resolução de conflitos, evidenciando que estilos inseguros estão associados a estratégias destrutivas e o apego seguro a estratégias construtivas.
Uma medida de apego: versão brasileira da ECR-R	Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M.	Masculino; Masculino.	2015	Sudeste - Rio de Janeiro; Nordeste - Rio Grande do Norte	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Psicologia USP	A2	Estudo empírico	Validação de instrumento	Teoria do Apego (Bowlby); Apego adulto (Hazan & Shaver)	O estudo buscou adaptar e validar a escala ECR-R para o contexto brasileiro, evidenciando adequação psicométrica e confirmando as dimensões de ansiedade e evitação no apego adulto.
Violência conjugal: diferentes olhares epistemológicos e práticas psicoterapêuticas	Becker, A. P. S., Tridapalli, A. P. L., & Bolze, S. A.	Feminino; Feminino; Feminino.	2021	Sul - Santa Catarina	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Pesquisas e Práticas Psicossociais	A3	Estudo teórico	Analisa violência sob múltiplas abordagens	Teoria do Apego (John Bowlby); Psicanálise (Sigmund Freud); Abordagem Sistêmica (Gregory Bateson; Salvador Minuchin; Murray Bowen)	O artigo discute a violência conjugal a partir de diferentes perspectivas teóricas, destacando sua complexidade, caráter relacional e implicações para intervenções psicoterapêuticas.

Antes da apresentação dos eixos temáticos, foi elaborada uma tabela de fichamento com o objetivo de organizar e caracterizar os artigos selecionados para esta revisão integrativa. A tabela reuniu informações sobre título, autoria, gênero dos autores, ano de publicação, região, filiação institucional, periódico, Qualis da revista, tipo de pesquisa, articulação com o tema, bases teóricas e síntese dos principais achados. Essa etapa possibilitou uma visão geral do corpus analisado, permitindo identificar não apenas os conteúdos centrais dos estudos, mas também suas características metodológicas, institucionais e teóricas.

A partir dessa organização, observou-se que os estudos analisados foram publicados entre 2015 e 2021, em periódicos classificados entre A1 e A4 no Qualis, indicando que os estudos selecionados foram publicados em revistas com reconhecimento acadêmico na área. Quanto à distribuição regional, houve maior concentração de produções nas regiões Sul e Sudeste, com destaque para instituições localizadas no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Leopoldo, além de estudos vinculados ao Distrito Federal, em Brasília, e ao Nordeste, por meio da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Em relação às filiações institucionais, foram identificadas produções vinculadas a oito instituições de ensino superior, além de um estudo associado à atuação profissional em uma associação de terapia familiar. Entre essas instituições, houve predominância de universidades públicas federais, correspondendo a cinco das oito filiações universitárias identificadas, enquanto três estavam vinculadas a instituições privadas ou comunitárias. Esse dado indica que a produção analisada se concentra majoritariamente no meio acadêmico universitário, com menor presença de estudos oriundos de espaços profissionais não universitários.

No que se refere ao tipo de pesquisa, a amostra foi composta por três estudos teóricos, quatro estudos empíricos e um estudo empírico de validação de instrumento. Essa diversidade metodológica possibilitou articular discussões conceituais e evidências empíricas sobre apego, conjugalidade, conflitos conjugais, intimidade, comportamento abusivo e violência por parceiro íntimo. Os estudos teóricos contribuíram para a compreensão histórica, conceitual e epistemológica dos relacionamentos amorosos e da violência conjugal, enquanto os estudos empíricos permitiram observar associações entre estilos de apego, ajustamento conjugal, estratégias de resolução de conflitos, intimidade e comportamentos abusivos. Já o estudo de validação da ECR-R foi relevante por confirmar, no contexto brasileiro, as dimensões de ansiedade e evitação no apego adulto.

Também foi identificada predominância de autoria feminina entre os artigos selecionados. Dos 23 autores presentes no corpus, 20 são mulheres e 3 são homens, indicando

maior participação feminina na produção científica analisada. Esse dado é relevante diante da temática investigada, uma vez que os estudos abordam relações amorosas, conjugalidade, violência e permanência de mulheres em vínculos abusivos. Observa-se, ainda, que a participação masculina aparece de forma reduzida e concentrada em estudos de caráter empírico, especialmente aqueles voltados à investigação de comportamentos abusivos e à validação de instrumento sobre apego adulto. Esse aspecto sugere que, embora o tema envolva diretamente relações de gênero e dinâmicas conjugais, a produção analisada ainda apresenta baixa presença de pesquisadores homens, o que pode indicar uma lacuna importante na ampliação do debate acadêmico sobre masculinidades, violência por parceiro íntimo e responsabilidade masculina nas relações abusivas.

Em relação às bases teóricas, a Teoria do Apego foi a referência mais recorrente, especialmente a partir de Bowlby e dos estudos sobre apego adulto. Essa base apareceu articulada a diferentes discussões, como conjugalidade, intimidade, resolução de conflitos, ajustamento conjugal e comportamento abusivo. Em alguns trabalhos, a Teoria do Apego foi associada a outras perspectivas, como a Teoria Triangular do Amor, a Psicanálise, a abordagem sistêmica, a Modernidade Líquida e as concepções históricas do amor. Essa diversidade teórica permitiu ampliar a compreensão dos vínculos afetivos, considerando tanto seus aspectos emocionais e relacionais quanto suas dimensões sociais, históricas e culturais.

Com base na leitura da tabela e na análise temática dos artigos, os resultados foram organizados em quatro eixos: apego inseguro e vulnerabilidade; manutenção e permanência em relações abusivas; dinâmica da violência por parceiro íntimo; e repercussões das experiências primárias nos vínculos adultos. Esses eixos permitiram articular os principais achados da revisão, considerando como os estilos de apego inseguros podem se relacionar à vulnerabilidade e à permanência de mulheres em relações abusivas por parceiro íntimo.

3.2 Apego inseguro e vulnerabilidade

Este eixo evidencia que os estilos de apego inseguros podem favorecer maior vulnerabilidade nas relações íntimas, uma vez que interferem diretamente na forma como o sujeito percebe a si mesmo, interpreta o comportamento do parceiro e responde às ameaças de rejeição, abandono ou distanciamento afetivo. Estudos analisados nesta revisão indicaram que a insegurança no apego está associada a vínculos marcados por instabilidade emocional, medo da perda, dificuldade de confiar, baixa regulação afetiva e maior propensão a estratégias relacionais disfuncionais (Consoli, Bernardes, & Marin, 2018; Scheeren et al., 2015).

Natividade e Shiramizu (2015) explicam que o apego adulto pode ser compreendido a partir de duas dimensões centrais: ansiedade e evitação. A ansiedade refere-se à preocupação intensa com a continuidade do relacionamento, ao medo de não ser amado e à necessidade constante de responsividade do parceiro. Já a evitação relaciona-se ao desconforto com a intimidade, à dificuldade de depender emocionalmente do outro e à tendência ao distanciamento afetivo. Essas dimensões contribuem para compreender como o apego inseguro se manifesta nas relações amorosas adultas, especialmente quando o vínculo é atravessado por medo, controle, conflito ou sofrimento.

Observou-se que o apego ansioso se expressa por uma hiperativação do sistema de apego. Nesse funcionamento, a pessoa tende a buscar proximidade de maneira intensa, vigiar sinais de afastamento do parceiro e interpretar comportamentos ambíguos como possibilidade de rejeição. Murta et al. (2019) apontam que altos níveis de ansiedade no apego envolvem vigilância constante a sinais de distanciamento, investimentos elevados para manutenção da proximidade e busca compulsiva de apoio, o que pode sobrecarregar a relação. Em contextos abusivos, esse padrão pode aumentar a vulnerabilidade da mulher, pois o medo do abandono pode levá-la a tolerar comportamentos de controle, humilhação, ciúme excessivo ou agressividade como se fossem expressões de cuidado ou interesse amoroso.

Já o apego evitativo apresenta outra forma de vulnerabilidade. Nesse padrão, o sujeito tende a evitar a proximidade emocional, minimizar necessidades afetivas, recusar ajuda e manter distância diante de situações de conflito. Embora esse funcionamento possa aparentar independência, os estudos indicam que ele pode dificultar o reconhecimento do sofrimento e a busca por apoio. Assim, em relações abusivas, a evitação pode contribuir para a naturalização do afastamento, para o silenciamento da dor e para a permanência em vínculos marcados por baixa intimidade, pouca comunicação e ausência de suporte emocional.

Consoli, Bernardes e Marin (2018) reforçam que o padrão de apego estabelecido nas primeiras relações tende a repercutir na conjugalidade, influenciando a forma como o indivíduo se vincula ao parceiro. No estudo realizado com casais, os autores identificaram que o apego primário seguro esteve associado a menores níveis de evitação e a relações mais ajustadas e sem sofrimento, enquanto os padrões preocupado e desinvestido relacionaram-se a maiores níveis de evitação, desajustamento conjugal e sofrimento. Esse achado demonstra que o apego inseguro não impede a formação de vínculos amorosos, mas pode comprometer a qualidade desses vínculos, tornando-os mais vulneráveis a conflitos, insegurança, afastamento e dependência emocional.

Os resultados também indicaram convergência quanto ao papel protetivo do apego seguro. Indivíduos com apego seguro tendem a perceber o parceiro como disponível, responsivo e confiável, o que favorece maior abertura emocional, confiança, comunicação e capacidade de resolução de conflitos. Scheeren et al. (2015) demonstraram que o apego seguro foi preditor de estratégias construtivas de resolução de conflitos, enquanto os estilos inseguros foram preditores de estratégias destrutivas. Isso evidencia que a segurança vincular pode atuar como fator de proteção, pois permite que o indivíduo lide com tensões relacionais sem recorrer, de forma predominante, à submissão, hostilidade, afastamento ou explosões emocionais.

Dessa forma, os estudos analisados indicam que o apego inseguro pode aumentar a vulnerabilidade em relações abusivas porque altera a forma como a mulher interpreta o vínculo e responde ao sofrimento. No apego ansioso, a permanência pode estar associada ao medo de perder o parceiro, à necessidade de validação e à esperança de reparação do vínculo. No apego evitativo, pode estar relacionada à minimização da violência, ao distanciamento emocional e à dificuldade de buscar ajuda. Portanto, a vulnerabilidade não se expressa de modo único, mas por diferentes formas de funcionamento afetivo que podem dificultar o rompimento com relações abusivas.

3.3 Manutenção e permanência em relações abusivas

O segundo eixo debruça-se sobre o paradoxo de que a permanência em relações abusivas não pode ser compreendida como simples escolha individual ou ausência de consciência da vítima. Os estudos apontaram que a continuidade desses vínculos está associada a fatores emocionais, vinculares, sociais e contextuais. A permanência ocorre, muitas vezes, em meio a ambivalência afetiva, medo, dependência emocional, esperança de mudança, culpa, naturalização da violência e dificuldade de reconhecer o abuso, especialmente quando ele se apresenta de forma psicológica e progressiva.

Becker, Tridapalli e Bolze (2021) destacam que a violência conjugal é um fenômeno complexo e grave, que envolve agressões físicas, sexuais e psicológicas em relações afetivas. As autoras apontam que o comportamento abusivo provoca sofrimento emocional e físico nos parceiros íntimos e, em situações extremas, pode resultar em morte. Além disso, ressaltam que o abuso nem sempre cessa com o fim da relação, podendo continuar ou se intensificar após a separação. Esse dado é fundamental para compreender que a permanência pode estar relacionada não apenas à dependência afetiva, mas também ao medo real de retaliação, ameaça e agravamento da violência.

A análise dos estudos indicou que a violência psicológica possui papel central na manutenção das relações abusivas. Por ser menos visível que a violência física, ela tende a ser naturalizada, minimizada ou confundida com conflitos comuns do relacionamento. Murta et al. (2019) apontam que maus-tratos nas relações íntimas podem incluir humilhações, ameaças, chantagens, insultos, isolamento, vigilância constante, calúnia, difamação e destruição de pertences. Segundo os autores, a banalização da violência psicológica, somada aos sentimentos de afeto que se misturam à dor, dificulta o reconhecimento da própria relação como violenta.

Nesse sentido, os resultados indicaram que, quando articulado à dinâmica abusiva, o apego ansioso pode dificultar o rompimento ao intensificar o medo de perda, a esperança de mudança e a busca pela reparação do vínculo (Natividade & Shiramizu, 2015; Murta et al., 2019). Mulheres com esse padrão podem apresentar maior dificuldade de romper o vínculo, pois a separação pode ser vivida como ameaça profunda à identidade, à segurança emocional e ao sentimento de pertencimento (Natividade & Shiramizu, 2015). A busca pela reparação do vínculo pode levar à aceitação de pedidos de desculpas repetidos, à crença de que o parceiro irá mudar e à responsabilização de si mesma pela violência sofrida (Murta et al., 2019; Becker, Tridapalli, & Bolze, 2021).

No apego evitativo, a permanência pode se relacionar à tendência de silenciar o sofrimento, evitar a nomeação da violência e lidar de forma isolada com a situação, o que dificulta a busca por apoio (Natividade & Shiramizu, 2015; Consoli, Bernardes, & Marin, 2018). Nesse funcionamento, a mulher pode evitar nomear a violência, silenciar suas necessidades, manter-se isolada ou acreditar que deve lidar sozinha com a situação (Consoli et al., 2018). Assim, embora o padrão evitativo não se apresente como dependência explícita, ele pode dificultar a busca de ajuda e contribuir para que a violência seja mantida no espaço privado da relação (Consoli et al., 2018; Murta et al., 2019).

Outro fator identificado nos estudos foi a idealização amorosa. Cerqueira e Rocha (2018) discutem que a experiência do amor é atravessada por concepções históricas, subjetivas e culturais, e que a busca por relacionamentos amorosos está ligada à forma como o indivíduo compreende a si mesmo. As autoras apontam que, na perspectiva da Teoria do Apego, o parceiro pode ocupar o lugar de figura de segurança, sendo buscado como fonte de afeto, proteção e completude. Em relações abusivas, essa idealização pode dificultar o rompimento quando a mulher interpreta sofrimento, ciúme, controle ou sacrifício como elementos próprios do amor.

Os resultados também mostraram que a permanência pode ser reforçada pela mistura entre momentos de afeto e episódios de violência. Em muitos casos, o parceiro abusivo alterna

comportamentos agressivos com demonstrações de arrependimento, carinho e promessa de mudança. Essa alternância pode produzir confusão emocional e fortalecer a esperança de que a relação volte a ser como no início. Desse modo, a vítima pode permanecer não porque desconhece completamente o sofrimento, mas porque se vincula à possibilidade de restauração do afeto e da segurança que o próprio relacionamento deixou de oferecer.

Portanto, a permanência em relações abusivas deve ser compreendida como fenômeno multifatorial. Os estilos de apego inseguros podem favorecer vulnerabilidades emocionais, mas não explicam sozinhos a manutenção do vínculo. A permanência também envolve medo, risco concreto, dependência econômica, isolamento social, ausência de rede de apoio, crenças sobre o amor, naturalização da violência e desigualdades de gênero. Assim, compreender o apego inseguro como fator de vulnerabilidade não significa responsabilizar a mulher pela violência sofrida, mas reconhecer que determinados funcionamentos vinculares podem dificultar o reconhecimento do abuso e a construção de condições emocionais para o rompimento.

3.4 Dinâmica da violência por parceiro íntimo (VPI)

Este eixo evidencia que a violência por parceiro íntimo se organiza como uma dinâmica relacional complexa, marcada por conflitos recorrentes, estratégias destrutivas de resolução, controle, desigualdade de poder, desregulação emocional e dificuldade de comunicação. Os estudos indicaram que a violência não aparece apenas como agressão física, mas também como processo de dominação psicológica, emocional, sexual, patrimonial e social, podendo ocorrer de forma progressiva e, muitas vezes, silenciosa.

Becker et al. (2021) definem as relações abusivas como vínculos permeados por tentativas de ferir o parceiro física, psicológica, sexual ou economicamente. Essa definição amplia a compreensão da violência para além da agressão física, permitindo reconhecer comportamentos de controle, humilhação, ameaça, isolamento e manipulação emocional como formas de abuso. Essa ampliação é essencial, pois muitas mulheres permanecem em relações abusivas justamente porque a violência psicológica é menos evidente e tende a ser confundida com conflito conjugal ou ciúme.

Scheeren et al. (2015) contribuem para a compreensão dessa dinâmica ao demonstrarem que os estilos de apego inseguros foram preditores de estilos destrutivos de resolução de conflitos. O estudo investigou homens e mulheres adultos e indicou que a forma como os parceiros lidam com os conflitos é influenciada por seus estilos de apego. Enquanto o apego seguro favorece estratégias construtivas, como negociação, abertura ao diálogo e resolução

positiva de problemas, os estilos inseguros tendem a se associar a comportamentos como hostilidade, afastamento, submissão ou envolvimento destrutivo no conflito.

Esses achados indicam que o problema não está na existência do conflito em si, pois os conflitos são inerentes às relações conjugais, mas na forma como são manejados. Quando o casal utiliza estratégias destrutivas, os conflitos podem se transformar em ciclos repetitivos de ataque, defesa, silêncio, afastamento, culpa e reconciliação. Hintz (2021) observa que muitos casais permanecem enredados em formas conhecidas de interação, tornando-se reativos um ao outro e apresentando dificuldade de modificar a comunicação. Assim, a relação pode passar a funcionar em uma lógica circular, na qual o comportamento de um parceiro intensifica a reação do outro, mantendo o sofrimento conjugal.

No caso do apego ansioso, a dinâmica da violência pode ser intensificada pelo medo de rejeição e pela necessidade de confirmação afetiva. Indivíduos com esse padrão tendem a reagir a situações de ameaça com emoções intensas, medo de perda e maior sensibilidade a sinais de distanciamento do parceiro. Scheeren et al. (2015) apontam que pessoas com apego ansioso podem responder a conflitos com emoções exageradas e medo de perder o parceiro, apresentando maior sofrimento durante episódios de tensão. Em relações abusivas, essa intensidade emocional pode favorecer ciclos de cobrança, submissão, reconciliação e retorno ao vínculo.

No apego evitativo, a dinâmica tende a se expressar por afastamento, evitação do diálogo e recusa de intimidade. Esse padrão pode dificultar a resolução dos conflitos, pois o sujeito evita discutir o problema, distancia-se emocionalmente e pode se mostrar indisponível diante das necessidades do parceiro. Em relações abusivas, essa evitação pode contribuir para o silenciamento da violência e para a manutenção de uma convivência marcada por frieza, indiferença, controle ou negligência emocional.

Murta et al. (2019) também apontam que adolescentes e jovens com estilos de apego inseguros tendem a utilizar estratégias de manejo de conflito mais destrutivas e são mais frequentemente vítimas de violência no namoro. Os autores indicam que jovens ansiosos podem recorrer a ataques, críticas, explosões emocionais ou retraimento por medo de rejeição, enquanto jovens esquivos tendem à comunicação evasiva, ao afastamento e à evitação de discordâncias. Esses dados contribuem para compreender que padrões de violência podem começar ainda nas primeiras relações amorosas, tornando a prevenção um elemento central.

Os resultados também indicaram que a intimidade ameaçada é um fator relevante na dinâmica da violência. Relações com baixa acessibilidade emocional, pouca troca de apoio e

estratégias negativas de resolução de conflitos tendem a se tornar mais vulneráveis a interações abusivas. Murta et al. (2019) observaram que níveis elevados de intimidade estão associados à troca de apoio social entre os parceiros e à sensibilidade às necessidades do outro, enquanto níveis ameaçados de intimidade relacionam-se à esquivia da busca de suporte, desregulação emocional e manejo negativo de conflitos.

Assim, a dinâmica da violência por parceiro íntimo aparece nos estudos como resultado da interação entre insegurança vincular, desregulação emocional, estratégias destrutivas de conflito e desigualdade de poder. Embora o apego inseguro contribua para compreender os modos de vinculação e reação ao conflito, a violência deve ser analisada também em sua dimensão social e estrutural, especialmente quando envolve controle, dominação e risco à integridade da mulher. Portanto, a violência por parceiro íntimo não deve ser reduzida a “problemas de casal”, pois envolve formas de abuso que ultrapassam o conflito comum e podem comprometer profundamente a saúde psíquica, física e social da vítima.

3.5 Repercussões das experiências primárias nos vínculos adultos

Este eixo evidencia que as experiências afetivas anteriores, especialmente aquelas vividas na infância e na família de origem, exercem influência significativa na forma como os sujeitos constroem, mantêm e interpretam seus vínculos amorosos na vida adulta. Os estudos analisados apontaram que as primeiras relações de cuidado contribuem para a formação dos modelos internos de funcionamento, que passam a orientar expectativas sobre amor, confiança, proteção, rejeição e disponibilidade emocional do outro.

Consoli, Bernardes e Marin (2018) afirmam que o padrão de apego construído nas primeiras relações afetivas tende a se manter nas demais relações estabelecidas ao longo da vida. Segundo os autores, essa continuidade ocorre por meio dos modelos internos de funcionamento, que influenciam escolhas, ações e expectativas nos relacionamentos futuros. Assim, experiências iniciais de cuidado responsivo podem favorecer relações mais seguras, enquanto experiências marcadas por inconsistência, negligência ou rejeição podem contribuir para padrões inseguros de vinculação.

Os resultados indicaram que experiências prévias de apego inseguro podem favorecer maior dificuldade de reconhecer relações abusivas como inadequadas, especialmente quando a mulher aprendeu, ao longo da vida, a associar amor à instabilidade, medo, rejeição ou esforço constante para ser aceita. Nesse caso, a relação abusiva pode ser vivida como familiar, ainda que produza sofrimento. A mulher pode permanecer tentando reparar, no vínculo amoroso atual, experiências anteriores de abandono, desamparo ou falta de reconhecimento afetivo.

Cerqueira e Rocha (2018) também contribuem para essa compreensão ao discutirem que um vínculo malformado com a principal figura de apego na infância pode repercutir nos relacionamentos adultos, levando o indivíduo com apego inseguro a buscar no parceiro o suprimento de um amor ou afeto faltante. Essa busca pode tornar a relação amorosa um espaço de tentativa de compensação emocional, no qual o parceiro passa a ocupar uma função central de validação e segurança. Em relações abusivas, essa dinâmica pode dificultar o rompimento, pois a separação pode ser vivida como nova experiência de abandono ou fracasso afetivo.

Becker, Tridapalli e Bolze (2021) também apontam que as primeiras relações de apego repercutem no estilo de apego ao longo do ciclo vital e influenciam diferentes funções da vida adulta, incluindo a conjugalidade. As autoras articulam a Teoria do Apego à compreensão dos relacionamentos abusivos, indicando que vínculos construídos a partir de insegurança, medo ou indisponibilidade podem se atualizar nas relações conjugais, favorecendo dinâmicas de difícil manejo entre os parceiros.

Hintz (2021) reforça que, com o desenvolvimento do relacionamento conjugal, vínculos anteriormente experienciados com figuras parentais podem ser revividos consciente ou inconscientemente. Essa revivência pode aparecer na forma como o sujeito interpreta rejeições, lida com frustrações, demanda cuidado ou evita intimidade. Assim, conflitos conjugais atuais podem carregar conteúdos emocionais antigos, tornando a relação mais suscetível a repetições, reatividade e sofrimento.

Os estudos também mostraram que as experiências prévias influenciam a maneira como os conflitos são enfrentados. Adultos com apego seguro tendem a apresentar maior equilíbrio entre proximidade e autonomia, maior facilidade de intimidade, menor preocupação com abandono e uso mais frequente de negociação. Por outro lado, adultos com apego inseguro evitativo tendem a demonstrar medo da intimidade, pouca atenção às necessidades do parceiro e maior tendência ao distanciamento. Já adultos com apego ansioso-ambivalente apresentam preocupação com a falta de proximidade, medo de rejeição, desejo constante de união, ciúme intenso e submissão para serem aceitos (Consoli et al., 2018).

Esses achados indicam que as experiências prévias não determinam, de forma absoluta, a permanência em relações abusivas, mas podem produzir condições subjetivas que dificultam o reconhecimento da violência e o rompimento do vínculo. Quando a mulher internaliza modelos de amor associados à insegurança, instabilidade ou rejeição, pode apresentar maior tolerância a relações que reproduzem esses padrões. No entanto, os estudos também apontam

que os modelos internos podem ser ressignificados por meio de novas experiências afetivas, apoio social, psicoterapia e intervenções preventivas.

Murta et al. (2019) destacam que ações preventivas devem focar a receptividade, a acessibilidade emocional, a busca e oferta de ajuda, a regulação das emoções e a ressignificação de legados emocionais parentais que sustentam a esquiva e a ansiedade em relações íntimas. Esse resultado indica que compreender as repercussões das experiências prévias é fundamental não apenas para explicar a vulnerabilidade, mas também para pensar estratégias de cuidado e prevenção.

Desse modo, os resultados evidenciam que as repercussões das experiências prévias se manifestam na forma como a mulher constrói expectativas sobre o amor, interpreta o comportamento do parceiro, tolera conflitos, reconhece ou não a violência e mobiliza recursos para sair da relação. A permanência em relações abusivas, portanto, pode estar relacionada à repetição de padrões vinculares inseguros, mas também à ausência de condições emocionais e sociais para romper com um vínculo que, ainda que violento, pode ocupar função subjetiva de pertencimento, esperança ou reparação.

4. Discussão

A análise dos estudos selecionados permite compreender que os estilos de apego inseguros se relacionam à permanência de mulheres em relações abusivas por parceiro íntimo como fatores de vulnerabilidade emocional e relacional, e não como uma causa direta da violência. Essa distinção é fundamental para o campo da Psicologia, pois evita que a dificuldade de rompimento seja interpretada como uma responsabilidade individual ou uma "falha" de caráter da mulher.

Como discutido por Becker et al. (2021), a violência conjugal é um fenômeno multidimensional que envolve as esferas física, psicológica, sexual e social. Portanto, a permanência no vínculo abusivo não deve ser lida de forma isolada; os achados desta revisão sugerem que o apego inseguro pode dificultar o reconhecimento do abuso e a construção de limites, mas esse processo ocorre sempre em articulação com as condições concretas de vida, as assimetrias de poder e a fragilidade das redes de proteção.

A Teoria do Apego fundamenta essa compreensão ao demonstrar que os vínculos afetivos ocupam um papel central na organização emocional do sujeito. Bowlby (2002, 2004) aponta que as experiências iniciais de cuidado participam da formação dos modelos internos de funcionamento, os quais orientam a percepção do sujeito sobre si mesmo e sobre a disponibilidade das figuras significativas. Ao transpor essa perspectiva para as relações amorosas adultas, compreende-se por que o parceiro pode ocupar um lugar afetivo de "porto seguro", mesmo quando a relação se torna fonte de instabilidade e sofrimento. Assim, o sistema de apego ajuda a interpretar o paradoxo de vínculos que continuam sendo buscados como fonte de segurança, ainda que produzam dor severa.

Nessa perspectiva, Natividade & Shiramizu (2015) auxiliam na compreensão do apego adulto por meio das dimensões de ansiedade e evitação. Enquanto a ansiedade associa-se ao medo da rejeição e à busca constante por proximidade, a evitação relaciona-se ao desconforto com a intimidade e à autossuficiência defensiva. Essa diferenciação impede uma leitura única sobre o fenômeno da permanência: enquanto algumas mulheres enfrentam a barreira do medo paralisante do abandono (ansiedade), outras permanecem por minimizar o próprio sofrimento e evitar a busca de ajuda externa (evitação).

No que tange ao apego ansioso, a possibilidade de ruptura é vivida como uma ameaça existencial profunda. A mulher pode ter clareza sobre o sofrimento na relação, mas permanece vinculada à esperança de reparação ou à necessidade de validação pelo parceiro. Murta et al. (2019) reforçam que, em relações marcadas por maus-tratos, a mistura entre afeto e dor gera

uma experiência ambivalente. Esse achado é crucial, pois demonstra que a permanência não indica falta de percepção da violência, mas sim um entrelaçamento complexo entre o medo, a dependência afetiva e o desejo de reconhecimento, onde a esperança de mudança atua como um mecanismo de manutenção do vínculo.

Por outro lado, o apego evitativo revela uma forma de vulnerabilidade menos evidente, mas igualmente preocupante. Consoli et al. (2018) indicam que padrões evitativos se associam ao desajustamento e ao sofrimento relacional silencioso. Em contextos abusivos, essa dinâmica se manifesta pelo silenciamento da dor e pela tentativa de suportar a violência no espaço privado, sem compartilhar a experiência com redes de apoio. Assim, a permanência nem sempre é uma busca por fusão afetiva; pode ser, também, uma estratégia defensiva de isolamento e minimização da gravidade da situação.

Um dos pontos de maior convergência nos estudos analisados é o papel da violência psicológica como ferramenta de manutenção do vínculo. De acordo com Murta et al. (2019), o isolamento, a vigilância, as humilhações e a destruição de pertences instalam-se de forma gradual, sendo frequentemente confundidos com zelo ou conflito conjugal comum. Essa distorção é potencializada pela idealização amorosa. Cerqueira e Rocha (2018) discutem que a experiência do amor é atravessada por construções culturais que podem ressignificar o controle e o sacrifício como sinais de intensidade afetiva. Quando essa compreensão cultural se articula ao apego ansioso, o investimento emocional da mulher na restauração do vínculo torna-se um obstáculo ao rompimento, mesmo diante de evidências claras de abuso.

Sob essa ótica, torna-se imperativo diferenciar o conflito conjugal da violência por parceiro íntimo. Scheeren et al. (2015) demonstram que estilos de apego inseguros podem levar a estratégias destrutivas de resolução de problemas, como hostilidade e submissão. Entretanto, a violência por parceiro íntimo não é uma mera "falha de comunicação", mas uma violação da integridade baseada na assimetria de poder. Por essa razão, a Teoria do Apego deve ser usada para compreender a reação ao sofrimento, e não para suavizar a gravidade da violência.

Essa análise subjetiva ganha sentido apenas quando articulada às dimensões social e de gênero. Scott (1995) define o gênero como uma forma primária de significar relações de poder, e Saffioti (2015) posiciona a violência contra a mulher como um pilar da estrutura patriarcal. Essa perspectiva impede que a permanência seja psicologizada de forma reducionista. O apego inseguro pode ser o terreno subjetivo onde a dominação se instala, mas é a desigualdade de gênero que oferece o suporte social para o controle masculino.

Nesse mesmo sentido, Minayo (2006) destaca que a saída de uma relação abusiva enfrenta barreiras concretas, como a dependência financeira, a presença de filhos e a vergonha social. Dessa forma, o apego inseguro é um agravante que dificulta o processo de subjetivação da mulher como vítima, mas a sua permanência é sustentada por uma rede de fatores que ultrapassam o indivíduo. As influências das experiências prévias, discutida por Bowlby (2002, 2004) e Consoli et al. (2018), sugere que padrões de cuidado instáveis na infância podem repercutir na forma como a mulher compreende o amor, a rejeição, a disponibilidade afetiva e a segurança nas relações adultas. Quando o esforço constante por aceitação se torna familiar, vínculos marcados por instabilidade, ambivalência e sofrimento podem ser mais difíceis de reconhecer como abusivos.

Contudo, é fundamental ressaltar que essa influência não deve ser compreendida como destino. Murta et al. (2019) enfatizam que os modelos internos de funcionamento podem ser ressignificados por meio de intervenções psicoterapêuticas, fortalecimento da autonomia e acesso a redes de proteção. A compreensão do apego inseguro, portanto, deve servir como ferramenta para que o profissional de Psicologia identifique medos centrais, idealizações amorosas, sentimentos de abandono e dificuldades de busca por apoio.

No campo da prática psicológica, essa leitura exige uma escuta clínica que não culpabilize a mulher pela permanência. A pergunta central não deve ser por que a mulher não rompeu a relação, mas quais condições emocionais, relacionais, sociais e institucionais dificultam esse rompimento. Dessa forma, a atuação profissional precisa priorizar o acolhimento, a avaliação de risco, a construção de segurança, o fortalecimento da autonomia e a articulação com a rede de proteção.

Além da atuação clínica, os achados também apontam para a relevância de ações preventivas. Intervenções voltadas a adolescentes e jovens podem contribuir para o reconhecimento precoce de padrões abusivos, especialmente quando trabalhado temas como ciúme, controle, limites, comunicação, autonomia afetiva, regulação emocional e busca de apoio. Essa dimensão preventiva é importante porque muitos padrões relacionais se organizam desde as primeiras experiências amorosas.

Apesar das contribuições, esta revisão evidenciou que a literatura nacional ainda carece de maior sistematização sobre a articulação entre apego inseguro e permanência prolongada em vínculos abusivos. Os artigos analisados, fornecem bases importantes, mas muitas produções ainda tratam a conjugalidade, a intimidade e os conflitos relacionais de forma mais ampla, sem investigar diretamente a permanência de mulheres em relações abusivas.

5. Conclusão

O estudo teve como objetivo analisar de que modo os estilos de apego inseguros podem se articular à permanência de mulheres em relações abusivas por parceiro íntimo, por meio de uma revisão integrativa da literatura. A análise permitiu identificar que o apego inseguro pode atuar como fator de vulnerabilidade emocional e relacional, interferindo na forma como a mulher percebe o vínculo, interpreta o sofrimento, reconhece a violência e mobiliza, ou não, recursos para buscar apoio.

Os achados indicaram que o apego ansioso pode intensificar o medo de abandono, a necessidade de validação afetiva e a esperança de reparação do vínculo. Esses aspectos podem dificultar o rompimento da relação abusiva, especialmente quando a mulher permanece vinculada à expectativa de mudança do parceiro ou à tentativa de recuperar momentos anteriores de afeto e segurança. Já o apego evitativo pode favorecer a minimização da dor, o silenciamento do sofrimento e a dificuldade de pedir ajuda, favorecendo que a violência permaneça invisibilizada no espaço privado da relação.

A revisão também evidenciou que a permanência em relações abusivas não pode ser explicada apenas pelos estilos de apego. A violência por parceiro íntimo é um fenômeno complexo, atravessado por desigualdades de gênero, relações de poder, dependência econômica, isolamento social, medo, presença de filhos, fragilidade das redes de apoio e dificuldade de acesso às políticas públicas. Dessa forma, compreender o apego inseguro como fator de vulnerabilidade não significa responsabilizar a mulher pela violência sofrida, mas ampliar a compreensão psicológica sobre os obstáculos emocionais e relacionais que podem dificultar o rompimento.

Outro aspecto relevante identificado foi o papel da violência psicológica na manutenção dos vínculos abusivos. Por se apresentar muitas vezes de forma gradual e naturalizada, essa violência pode ser confundida com ciúme, cuidado ou conflitos comuns do relacionamento. Além disso, a idealização amorosa e a alternância entre momentos de sofrimento e demonstrações de afeto podem favorecer a permanência, principalmente quando o vínculo abusivo é percebido como possibilidade de reconhecimento, pertencimento ou reparação emocional.

No campo da Psicologia, este estudo reforça a importância de uma escuta ética, acolhedora e não culpabilizante. A atuação profissional deve considerar os medos, ambivalências, idealizações e dificuldades de busca por apoio, sem reduzir a violência a características individuais da mulher. Nesse sentido, a compreensão dos estilos de apego pode

auxiliar na identificação de vulnerabilidades emocionais, desde que articulada à avaliação de risco, à construção de segurança, ao fortalecimento da autonomia e à rede de proteção.

Apesar da relevância dos achados, observam-se limitações relacionadas ao número de artigos analisados, ao recorte em produções publicadas em língua portuguesa e à escassez de estudos que investiguem diretamente a relação entre estilos de apego inseguros e permanência de mulheres em relações abusivas. Muitas produções abordam temas próximos, como conjugalidade, intimidade, conflitos relacionais e comportamento abusivo, mas nem sempre tratam especificamente da permanência no vínculo abusivo.

Portanto, sugere-se a ampliação de estudos sobre a relação entre apego inseguro, violência de gênero e permanência em relações abusivas, considerando também marcadores como raça, classe social, território, maternidade, dependência econômica e acesso às políticas públicas. Também se mostra necessário ampliar investigações sobre a responsabilização do autor da violência, para que a análise da permanência não recaia apenas sobre os aspectos subjetivos da mulher, mas também sobre as estruturas, práticas e comportamentos que sustentam a violência por parceiro íntimo.

6. Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation. Erlbaum.
- Becker, A. P. S., Tridapalli, A. P. L., & Bolze, S. A. (2021). Violência conjugal: Diferentes olhares epistemológicos e práticas psicoterapêuticas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 16(2), 1–15.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A natureza do vínculo*. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2004). *Separação: Angústia e raiva*. Martins Fontes.
- Cerqueira, I. C., & Rocha, F. N. (2018). Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia. *Revista Mosaico*, 9(2), 1–10.
- Consoli, N., Bernardes, J. W., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: As repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(3), 1–14.
- De Souza Tosta, A., & Cassepp-Borges, V. (2021). Entendendo os Relacionamentos Íntimos com Comportamento Abusivo por meio da Teoria do Apego. *Revista Interamericana de Psicología*, 55
- Goiânia. Secretaria Municipal de Saúde. (2024). Boletim epidemiológico n. 05/2024: Violência notificada contra vítimas do sexo feminino residentes em Goiânia de 2014 a 2023. Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia.
- Hintz, H. C. (2021). Conflitos conjugais: Possíveis origens. *Pensando Famílias*, 25(1), 58–72.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, & Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2025). Atlas da violência 2025. Ipea; FBSP.
- Minayo, M. C. S. (2006). *Violência e saúde*. Fiocruz.
- Murta, S. G., Pires, M. R. P., Tavares, A. S., Cordeiro, M. A., Teixeira, E. G., & Adorno, N. (2019). Intimidade e apego no namoro: Implicações de estudos de caso para prevenção à violência. *Contextos Clínicos*, 12(3), 1–16.
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: Versão brasileira da Experiences in Close Relationships Scale – Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26(3), 484–494.
- Saffioti, H. I. B. (2015). Gênero, patriarcado, violência. *Expressão Popular*.
- Santos, C. M. da C., Pimenta, C. A. de M., & Nobre, M. R. C.. (2007). The PICO strategy for the research question construction and evidence search. *Revista Latino-americana De Enfermagem*, 15(3), 508–511.

- Scheeren, P., Delatorre, M. Z., Neumann, A. P., & Wagner, A. (2015). O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(2), 514–532.
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71–99.
- Souza, M. T. de ., Silva, M. D. da ., & Carvalho, R. de .. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (são Paulo)*, 8(1), 102–106.